

CELIMENA:

Senhora, estou-vos muito agradecida.

Longe de mim tomar a mal, e venho, em retribuição,
Dar-vos, também, um conselho que em vossa honra encontra
razão.

Reconhecendo o vosso gesto de amizade,
Quando me contaís os rumores que sobre mim circulam,
Quero também eu seguir o vosso exemplo delicado
E dizer-vos o que sobre vós se tem comentado.

Há dias, numa das minhas visitas,
Encontrei certas pessoas de mérito singular
Que, ao falarem dos cuidados da alma que vive bem,
Vos tomaram como exemplo e de vós falaram também.
E aí, a vossa virtude e a revelação do vosso zelo
Não foram citadas como bom modelo:
Esse ar afetado de uma gravidade exterior,

Os eternos discursos sobre sabedoria e pudor,
A cara que fazeis, os gritos ao menor sinal de indecência
Provocados por uma palavra ambígua e cheia de inocência,
O grande apreço que por vós mesma mostrais
E o olhar de piedade que a todos lançais,
As críticas duras e as lições frequentes
Sobre coisas puras e inocentes,
Tudo isto, Senhora, para vos falar francamente,
Sofreu a crítica de toda a gente.

“De que servem, perguntavam eles, aquele ar modesto,
Aquela sensata aparência que desmente tudo o resto?
Sabe sempre rezar com o maior escrúpulo e perfeição,
Mas nunca paga aos empregados e bate-lhes sem razão.
Nos locais de devoção parece quase uma eremita,
Mas vai logo maquilhar-se para se fazer bonita;
Manda tapar os nus em toda e qualquer pintura,
Mas tem pelo nu verdadeiro uma grande ternura.”
Perante isto, contra todos quis tomar vossa defesa,
Jurei a pés juntos ser tudo difamação, de nada haver certeza.
Mas o meu sentimento foi por todos combatido
E afirmaram que deveríeis talvez, em conclusão,
Ver as ações dos outros com menos preocupação
E às vossas dedicar um pouco mais de atenção.
Devemos para nós mesmos olhar longamente
Antes de decidirmos condenar toda a gente;
E se a vida dos outros queremos corrigir,
Só uma vida exemplar o poderá permitir.
Mais simples será ainda, e em caso de necessidade,
Deixar àqueles que o céu escolheu tal veleidade.
Julgo, Senhora, que a vossa alma igualmente sensata

Não tomará a mal tão útil conselho,
E nele verá o impulso profundo
Deste zelo que me liga a vós e ao vosso mundo.

“O MISANTROPO”, DE
MOLIÈRE

TRADUÇÃO: ALEXANDRA
MOREIRA DA
SILVA

2018, TEATRO NACIONAL
SÃO JOÃO E EDIÇÕES
HÚMUS